

O FASCÍNIO DA BELEZA DESARMADA

**Apontamentos da Assembleia com os Responsáveis
de Comunhão e Libertação em Itália
Pacengo di Lazise (Verona), 15 de fevereiro de 2015**

por Julián Carrón

«Mas nós, cristãos, acreditamos ainda na capacidade da fé que recebemos para exercer uma atração sobre aqueles que encontramos, e no fascínio vencedor da sua beleza desarmada?» (J. Carrón, « O desafio do verdadeiro diálogo depois dos atentados de Paris», *Corriere della Sera*, 13 de fevereiro de 2015, p. 27). Não devemos dar por garantida esta pergunta. Com efeito, cada vez que, diante desta ou daquela situação, nos perguntamos o que devemos fazer, demonstramos que ainda não respondemos a esta pergunta. Nada o ilustra melhor do que este «o que fazer?». Temos uma coisa a fazer, apenas uma: convertermo-nos, deixarmo-nos conquistar mais uma vez por este fascínio, que é a única razão porque estamos aqui. Tudo o resto é consequência. A um dado momento, o fascínio da fé conquistou-nos, o fascínio da sua beleza desarmada, como relembra o Evangelho: «Eis que vos envio como cordeiros entre lobos. Não leveis bolsa nem mochila, nem sandálias e a ninguém saudeis pelo caminho [Desarmados, sem outra coisa para levar no olhar, em cada fibra do ser, senão aquilo que nos conquistou] [...]. Em qualquer cidade em que entrardes e vos receberem, comei o que se vos servir, curai os enfermos que nela houver [ou seja, levem a novidade que cura qualquer doença daquela casa; não é um exagero: quando uma pessoa mudada entra em casa, cura as doenças] [...], e dizeilhes [depois de estar curado, pois só então poderão entender]: “O Reino de Deus está próximo”» (Lc 10,3-9). Acontece uma coisa, e então as pessoas podem compreender o conteúdo deste anúncio. Primeiro acontece, e depois compreende-se; é precisamente porque acontece que se compreende. Se este foi o método de sempre, agora é ainda mais crucial. Mas - Dom Giussani disse-nos isso continuamente - é como se a um certo ponto, sem nos darmos conta disso, trocássemos este fascínio por qualquer outra coisa.

Em 1982, durante os primeiros Exercícios da Fraternidade depois do reconhecimento pontifício, Dom Giussani dizia: «Vocês cresceram, mas enquanto asseguraram uma capacidade humana na vossa profissão, foi também possível um distanciamento de Cristo (relativamente à emoção de há tantos anos, de certas circunstâncias de há tantos anos, sobretudo) [ou seja, já não existe a vibração do início, já não existe aquele fascínio por comunicar, já não existe a emoção de há muitos anos atrás]. Há como que um distanciamento de Cristo, salvo em determinados momentos. Quero dizer: há um distanciamento de Cristo, salvo quando se põem a rezar [que é como que um acrescento, muitas vezes]; há um distanciamento de Cristo, salvo quando se põem, digamos, a realizar obras em Seu nome, em nome da Igreja ou em nome do movimento [e com isto, podemos muitas vezes, como disse o cardeal Ratzinger, cobrir aquela distância]. É como se Cristo

estivesse longe do coração. Com o velho poeta do Renascimento italiano, dir-se-ia: “Em tarefas muito diferentes, atarefado”, o nosso coração está como que isolado ou, melhor, Cristo fica como que isolado do coração, salvo nos momentos de certas obras (um momento de oração ou um momento de compromisso, quando há um encontro geral ou uma Escola de Comunidade para fazer, etc.). Este distanciamento de Cristo do coração, salvo o facto de a sua presença parecer agir em certos momentos, gera ainda um outro distanciamento. Este revela-se num embaraço que existe entre nós – estou a falar entre maridos e mulheres – num último embaraço recíproco. [...] O distanciamento de Cristo do coração torna distante o decisivo aspeto do coração de um, do decisivo aspeto do coração do outro, salvo nas ações comuns (há a casa para governar, os filhos de que tratar, etc.)» (L. Giussani, «A familiaridade com Cristo», *Passos*, n. 2/2007, p. 2). E então, diante dos desafios, ficamos ansiosos porque «temos que fazer alguma coisa», como se diz. Mas isto não serve, exatamente porque estamos diante daquele desmoronar das evidências de que falamos há meses, imersos naquele caldeirão de culturas, religiões, visões do mundo tão diferentes, a que chamamos «multiculturalismo». Neste contexto, o espaço de liberdade que é a nossa Europa é ameaçado por quem quer impor com violência a sua própria visão das coisas, como terão visto também esta manhã nas primeiras páginas de todos os jornais a propósito do que aconteceu em Copenhaga. Por isso, pergunto-me: todos os que nos encontram veem alguma coisa capaz de atrair a sua humanidade, de desafiar a sua razão e a sua liberdade? Em muitos reina «um grande nada», «um vazio profundo». Hoje, vemos a que ponto é verdade que não existe outra evidência que não este nada, porque nada é capaz de atrair suficientemente as pessoas e, por isso, a vida termina tantas vezes em violência. É diante deste nada que se encontra cada um de nós e a nossa sociedade, e qualquer imaginação de resposta terá que verificar se é capaz de corroer este vazio. Tudo o resto é distração.

Como diz Dom Giussani, a primeira batalha joga-se em nós. Se tivermos perdido o fascínio da fé, depois de o termos experimentado, se nos encontramos com o coração afastado de Cristo, o que podemos oferecer aos outros? Mas será que nós pensamos mesmo que, se esse fascínio já não brilhar em nós e através de nós, se o nosso coração se tiver afastado Cristo, poderemos responder à situação descrita fazendo qualquer outra coisa? Com a perspicácia que o caracteriza, Dom Giussani “apanhou-nos” e ainda hoje nos diz: podemos estar aqui, empenhados em tantas coisas, mas o fascínio desapareceu, o coração afastou-se d’Ele.

A verdadeira questão é esta, amigos. Por isso a atual circunstância histórica é uma ocasião única para nós: mas os homens que nos encontram podem ser atraídos pela verdade que trazemos connosco a ponto de a sua razão e a sua liberdade serem despertadas e desafiadas? Esta pergunta indica que é preciso aprofundar cada vez mais a consciência de qual é a relação entre a verdade, a razão e a liberdade. O problema é que já não basta repetir estas palavras, se não compreendermos o nexó entre elas e aquilo que entendemos por verdade, o que entendemos por razão, o que entendemos por liberdade. Como vemos, também outros se propõem defender a verdade, ou pertencem a alguma coisa graças à qual dizem ser portadores da verdade, mas em nome dessa sua verdade cometem atos que são absolutamente injustificáveis. Por isso, se não está clara a relação entre verdade, razão, liberdade,

introduz-se uma suspeita em relação a todo o tipo de pertença. As mesmas palavras podem ser declinadas segundo diferentes modalidades. Se isto não estiver claro, só repetindo determinadas palavras não conseguiremos introduzir nenhum elemento real que posso responder ao vazio. Por isso – como eu disse – é preciso dar-mos conta da relação entre a verdade e a liberdade. Ao longo da história cristã, tivemos que aprender que «não há outro acesso à verdade que não seja através da liberdade» (J. Carrón, «O desafio do verdadeiro diálogo...», op. cit.).

É crucial entender o nexos que une as duas coisas, porque, caso contrário, são só palavras justapostas. É necessário que nós aprofundemos como é que a verdade pode ser capaz de atrair a liberdade e realizar a razão. A verdade, com efeito, não é uma definição, e também não é uma doutrina que, pelo simples facto de que eu a afirmo, desperta a liberdade do outro. Uma definição, disse-nos sempre Dom Giussani, se não é uma conquista já acontecida, é a imposição de um esquema; se uma definição justa não for conquistada a partir da experiências, facilmente é entendida pelas pessoas como a imposição de um esquema, e portanto as pessoas defendem-se. Mas o cristianismo não é uma definição, «não é uma teoria da Verdade», diz Guardini, «ou uma interpretação da vida. Também é isso, mas não é nisto que consiste o seu núcleo essencial. Este é constituído por Jesus de Nazaré, pela sua existência concreta, pela sua obra, pelo seu destino» (R. Guardini, *A essência do cristianismo*, Morcelliana, Brescia 2007, pp. 11-12). A verdade, portanto, é uma pessoa. Pensem no diálogo entre Jesus com Pilatos: *Quid est veritas?* O que é a verdade? *Vir qui adest*, um homem aqui presente, uma presença. Por isso a verdade aprende-se, como diz o Papa Francisco, no seio duma relação, dum encontro.

Se há alguém capaz de compreender bem isto, somos nós. O vídeo com as imagens e as palavras de Dom Giussani (que sairá como anexo do *Corriere della Sera*) é mais uma prova disso. O que aconteceu com Dom Giussani foi um encontro. O modo de se comunicar do cristianismo é um encontro. Era exatamente ele que dizia: «Aquilo que falta não é tanto a repetição verbal ou cultural do anúncio. O homem de hoje espera, talvez de forma inconsciente, a experiência do encontro com pessoas para as quais o fato de Cristo é uma realidade tão presente que a sua vida mudou. [Bastaria olhar para esta frase: “Aquilo que o homem espera hoje mais do que nunca, talvez de forma inconsciente, é a experiência de um encontro com pessoas para as quais o fato de Cristo é uma realidade tão presente que a sua vida mudou”. Se a vida não está realmente mudada, mesmo que repitamos verbal ou culturalmente o anúncio, nada acontece, em nós e em quem encontramos]. O que pode abanar o homem de hoje é um impacto humano: um acontecimento que seja eco do acontecimento inicial, quando Jesus levantou os olhos e disse: “Zaqueu, desce já, vou a tua casa”. Desta forma, o mistério da Igreja, que há dois mil anos nos foi transmitido, deve sempre voltar a acontecer por graça, deve sempre resultar presença que move, ou seja, movimento, movimento que pela sua natureza torna mais humano o ambiente]. Para quantos são chamados, acontece alguma coisa de semelhante ao que o milagre foi para os primeiros discípulos. A experiência de uma libertação do humano acompanha sempre o encontro com o acontecimento redentor de Cristo» (*O acontecimento cristão*, Bur, Milão 2003, pp. 23-24). A libertação do humano acompanha o encontro cristão, porque é um encontro que liberta, é um

encontro com a verdade que desperta a liberdade, que atrai a liberdade, e portanto liberta. De outra forma, não podemos falar de encontro cristão.

Dizia Kierkegaard: «O cristianismo é comunicação de existência, [...] a tarefa é tornar-se cristão ou então continuar a sê-lo, e a ilusão mais perigosa é a de nos tornarmos tão seguros de o sermos ao ponto de quisermos meter-nos a defender a cristandade toda» contra os adversários, «em vez de defendermos em nós mesmos a fé contra a ilusão» dos adversários (cf. *Nota conclusiva não científica*, in S. Kierkegaard, *As grandes obras filosóficas e teológicas*, Bompiani/Rcs, Milão 2013, citado em *A figura de Cristo na filosofia contemporânea*, de S. Zucal, Edições Paulinas, Cinisello Balsamo-Mi 1993, p. 185).

Não nos safamos apenas com um discurso cultural, com um anúncio cultural, caso contrário Deus poderia ter-se poupado à Encarnação do Seu filho, poderia ter-nos enviado o anúncio pelo correio – e assim tinha-se poupado também a Ele! Fazendo-se homem, tornando-se carne, Cristo escolheu o método para comunicar a verdade: despojando-se de qualquer poder que não fosse o esplendor do verdadeiro, testemunhou de forma desarmada o fascínio da verdade. Por isso, se não ligarmos a pertença ao testemunho, será difícil podermos dar um contributo real à situação dos nossos irmãos homens: é só através do nosso testemunho que os outros podem reconhecer a nossa pertença como um desafio positivo à sua razão e à sua liberdade. Mas este fascínio do verdadeiro, este esplendor da verdade, não sou eu que o produzo, porque só «quem me segue terá o cêntuplo já aqui», ouvimos isto ontem mais uma vez na liturgia. O permanecer em nós do fascínio inicial está ligado a um seguimento real. E vê-se que seguimos através do fascínio que a nossa presença suscita nos outros: são, com efeito, os outros que nos dizem o quanto ficam fascinados ao encontrarem muitos de nós.

Por isso me parece que o artigo publicado no *Corriere della Sera* é uma síntese da proposta que nos fazemos e que dirigimos a todos. «Diante dos acontecimentos de Paris, é estéril a contraposição em nome de uma ideia, ainda que justa». Porque, se não houver um testemunho que desafie a liberdade, será difícil que, com outras coisas, as pessoas possam ressurgir do vazio em que estão submersas. A verdadeira questão é então que aquele espaço de liberdade que é a Europa não seja um «espaço vazio, deserto de propostas de vida», mas um lugar onde se possa testemunhar o fascínio do verdadeiro, o fascínio que nos arranca do nada, a nós primeiro que todos, porque somos os primeiros a afastar-nos de Cristo, mesmo permanecendo no movimento e fazendo muitas coisas, como nos disse Dom Giussani em 1982. Só assim a Europa poderá ser um «lugar de um encontro real entre propostas de significado, ainda que diferentes e múltiplas», um espaço de liberdade «para nos afirmarmos, cada um ou em conjunto, diante de todos». Portanto, «onde cada um ponha à disposição de todos a sua visão e a sua forma de viver. Esta partilha fará com que nos encontremos a partir da experiência real de cada um, e não de estereótipos ideológicos que tornam impossível o diálogo» (J. Carrón, «O desafio do verdadeiro diálogo...», op. cit., p. 27).

Porque se não compreendermos o que relembramos até aqui, muitas vezes nem sequer compreendemos o Papa, a sua preocupação e o seu testemunho. Não se

compreende o alcance daquilo que ele disse: «No início do diálogo está o [...] *encontro*. Dele gera-se o primeiro conhecimento do outro. Com efeito, se se parte do pressuposto da pertença comum à *natureza humana*, podem-se superar os preconceitos e as falsidades e começar a compreender o outro segundo uma perspectiva nova» (24 de janeiro de 2015). Mas isto parece, às vezes, muito pouco, e então procuramos um atalho para impor a verdade mais à pressa, gerando apenas confusão, nuns ou nos outros.

A circunstância histórica que estamos a viver é uma oportunidade excepcional para aprofundarmos, nós primeiro do que todos, qual é a verdade que nos fascinou. Não basta repetir que a verdade se fez carne, se isto não entrar nas nossas vísceras, nas nossa forma de estarmos no real, se nós não nos dermos conta de que a única modalidade de comunicar a verdade se chama «testemunho», que é exatamente o que nos diz o Papa: «Só assim se pode propor na sua força, na sua beleza, na sua simplicidade, o anúncio libertador do amor de Deus e da salvação que Cristo oferece. Só assim se parte com aquela atitude de respeito para com as pessoas» (7 de fevereiro de 2015). A pergunta decisiva a que temos que responder é então aquela que fizemos no início: «Mas nós, cristãos, acreditamos ainda na capacidade da fé que recebemos para exercer uma atração sobre aqueles que encontramos, e no fascínio vencedor da sua beleza desarmada?». Na mensagem para a Quaresma, o Papa Francisco alerta-nos para o facto de que «esta missão é o paciente testemunho d’Aquele que quer conduzir ao Pai toda a realidade e todo o homem. A missão é aquilo que o amor não pode calar. A Igreja segue Jesus Cristo pela estrada que a conduz a cada homem, até aos confins da terra» (*Mensagem para a Quaresma 2015*, 4 de outubro de 2014).

É a fé que está em jogo hoje, sobretudo hoje. E é por isso que vamos ao Papa – não vamos passear a Roma! Vamos mendigar a fé, que tem o seu ponto seguro na relação com Pedro, num momento em que a figura do Papa parece estar a ser discutida por um certo número de cristãos. Como dizíamos, uma pertença sem seguimento é confusa, por isso «se uma pessoa não caminha dentro da nossa história para se resolver a si mesma, cria problemas também na sua comunidade [...] [e] o primeiro sintoma [...] é que não se segue o movimento na sua direção central!» (L. Giussani, *Certos de algumas grandes coisas 1979-1981*, Bur, Milão 2007, pp. 21-22) Se nos comportássemos assim, tornávamo-nos, como o escrevi na carta tendo em vista a audiência com o Papa, uma das muitas interpretações do cristianismo, pensando não precisar de nada e gerindo um cristianismo reduzido à nossa medida.

Estamos todos diante dum desafio, duma proposta a verificar: vamos a Roma como mendicantes para pedir a fé. Temos todo este ano para pedir a Dom Giussani, dez anos após a sua morte, para continuar a tomar conta de nós, para que possamos vencer o distanciamento de Cristo, porque se não encontrarmos continuamente o fascínio que nos move a nós, imaginem o que podemos mover nos outros! «Aquilo que faremos aos outros é uma sobreabundância daquilo que fazemos a nós mesmos, e chega» (*ibidem*, p. 22), recorda-nos Dom Giussani.

A peregrinação a Roma será uma ocasião para todos, se cada um de nós, no seu próprio âmbito, comunicar as razões deste gesto, ou seja, as razões da nossa mendicância para a necessidade verdadeira que temos. Nós vamos ao Papa porque sem a ligação com ele não existiria uma experiência como a do movimento. O

fundamento último desta experiência, como sempre nos recordou Dom Giussani, é a ligação com a fragilidade de Pedro. Sem esta ligação, uma experiência como o CL não se poderia sequer sonhar! Por isso, ajudemo-nos a estar presentes de forma consciente neste grande acontecimento, vivendo a própria viagem de ida a Roma como uma peregrinação.